



Aos 83 anos, saindo de cena sob o peso de problemas de saúde, Mike Leigh vence San Sebastián com 'Tender Loving Care', em meio ao êxito do diretor mineiro Gabriel Martins

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Premiado em múltiplas frentes até ser anunciado como o ganhador da Concha de Ouro de 2026, o drama "Tender Loving Care", do britânico Mike Leigh, sagrou-se no sábado como o filme vitorioso do 74º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, num momento de êxito em escopo global do diretor mineiro Gabriel Martins, o Gabito. Mesmo sem ter recebido estatuetas do evento basco, sua arte desbravou fronteiras da Europa com "Vicentina Pede Desculpas", representante brasileiro entre os 17 títulos da competição oficial do evento. Mas o belo longa de Martins recebeu a Menção Especial do Prêmio SIGNIS, uma premiação paralela à competição oficial que celebra produções de caráter humanitário.

Fala-se de figuras em fase outonal como Vicentina no belíssimo "Tender Loving Care". O realizador americano Ira Sachs foi o presidente do júri que o referendou com o mimo máximo de San Sebastián (também chamada de Donostia, na língua local). Seu colegiado incluiu a estrela brasileira Alice Braga; o cineasta, escritor e produtor japonês Genki Kawamura; a roteirista francesa Catherine Paillé; a atriz basca Patricia López Arnaiz; o ator sueco Bill Skarsgård; e o produtor britânico Mike Goodridge. Essa turma concedeu a láurea de Melhor Realização para a escandinava Amanda Kernell por "Brace Your Heart", no qual uma mulhet se vê tomada por sentimentos proibidos em uma região rural.



No filme que pode ser a saideira de uma grande carreira, Mike Leigh volta a esgrimir com as práticas quotidianas da empatia, deslocando seu olhar para a realidade laboral do serviço social

Concha da despedida



As dores de uma Palestina sob ameaça estão no doc. 'Naza'

Divulgação

O placar das juradas e jurados de Sachs foi aberto com o prêmio de Melhor Roteiro para Mike Leigh, dada a fúria afetiva de "Tender Loving Care", que pode ser a longa final do cineasta de 83 anos, em função de problemas de saúde - que começam a limitar seus movimentos.

É uma despedida em grande estilo justamente porque se recusa a comportar-se como despedida. Na (aparente) trilha de simplicidade já vista em seu "Another Year" (2010), Leigh volta a esgrimir com as práticas quotidianas da empatia, mas desloca o seu olhar para uma realidade laboral particularmente ingrata. Amy (Kate O'Flynn) trabalha na proteção de menores; a amiga Rosie (Alice Bailey Johnson) também pertence aos serviços sociais. As duas atravessam diariamente vidas quebradas, ressentimentos, precariedade e situações em que cuidar deixou de